

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN
(PARTE II – CONCLUSÃO)
12 e 30 de julho de 2025

C'ERA UNA VOLTA... IL WEST / 1968 (*Aconteceu no Oeste*)

um filme de Sergio Leone

Realização: Sergio Leone / **Argumento:** Sergio Leone, Sergio Donati, segundo uma história de Dario Argento, Bernardo Bertolucci e Sergio Leone / **Fotografia:** Tonino Delli Colli / **Música:** Ennio Morricone / **Som:** Claudio Maielli / **Direção Artística e Figurinos:** Carlo Simi / **Montagem:** Nino Baragli / **Intérpretes:** Henry Fonda (Frank), Claudia Cardinale (Jill McBain), Jason Robards (Cheyenne), Charles Bronson (O Homem Sem Nome-“Harmónica”), Frank Wolff (Brett McBain), Gabriele Ferzetti (Morton), Keenan Wynn (sheriff), Paolo Stoppa (Sam), Marco Zuanelli (Wobbles), Lionel Stander (barman), Jack Elam (Knuckles), John Frederick (membro da quadrilha de Frank), Woody Stroode (Stony), Enzo Santanello (Timmy), Dino Mele (“Harmónica”, em criança)

Produção: Bino Cicogna, para Rafran Cinematografica-Euro International Films / **Cópia:** DCP, colorida, versão inglesa com legendas eletrónicas em português, 165 minutos / **Estreia Mundial:** Itália, Dezembro 1968 / **Estreia em Portugal:** Batalha (Porto), em 21 de Abril de 1970

Foi em 1964. Nos estúdios da Cinecittà o filão do *peplum* aberto sete anos antes com o sucesso de **Le Fatiche di Ercole** de Piero Francisci com o ex-Mr. Universo Steve Reeves (inspiração confessa da mega-estrela Arnold Schwarzenegger) dava sinais de esgotamento e enveredava já pela auto-paródia com as aventuras conjuntas de vários super-heróis. Nesse ano estreava-se em Roma um filme que iria provocar outra corrida ao ouro: um *western* cujo título italiano era **Per un Pugno di Dollari**, de um tal Bob Robertson e interpretado por um desconhecido, Clint Eastwood, ao lado de um tal Joseph Egger. Tudo era falso como o chamado “ouro dos idiotas”. O título italiano não era tradução (era aquele mesmo e o inglês, **For a Few Dollars More**, serviria para exportação) e aqueles nomes, à excepção de Eastwood, vindo dos EUA onde era intérprete de um popular folhetim televisivo, eram tão falsos como a pretensa paisagem do Oeste. Atrás de Bob Robertson escondia-se o nome de um especialista do *peplum*, realizador de um dos melhores filmes do género, **Il Colosso di Rode**, e co-realizador de **Gli Ultimi Giorni di Pompei** (com Mario Bonnard) e **Sodoma e Gomorra** (com Robert Aldrich): Sergio Leone. Sobre o nome de Joseph Egger encontrávamos o retrato de um actor que começava a fazer carreira em *peplums* (**Ercole alla Conquista di Atlantide**, de Vittorio Cottafavi) e se distinguiria por uma série de filmes de preocupações sociais e políticas: Gian Maria Volonté. O espectacular êxito do filme fê-los tirar as máscaras. A nova aventura “westerniana” a que meteram mãos, **Per Qualche Dollaro in Più**, tinham já os seus verdadeiros nomes (como pouco depois, na reposição do primeiro). Entretanto, descoberto o filão muitos outros garimpeiros procuraram apanhar algumas pepitas e mais alguns dólares. Ao começo, por uma espécie de pudor Carlo Lizzani, Duccio Tessari, Gianfranco Parolini e outros, usaram também nomes de anglo-saxónicos de empréstimo, assim como outros actores que se especializaram no género como Giuliano Gemma que adoptou o nome de Montgomery Wood, para as suas aventuras de Ringo. Aqui em Portugal caiu tudo como um raio num espaço de poucos meses em 1966. Feito o balanço não há muita coisa que se aproveite, mas a sua influência não foi pequena. A exploração da violência, um sadismo por vezes exasperado, e os seus heróis solitários

e masoquistas (Eastwood em **Per un Pugno di Dollari**, Franco Nero no estranho **Django**, outro dos filmes que vale a pena resgatar) tornaram-se receita a que Hollywood acabou por recorrer, convocando para isso Clint Eastwood que iria começar a carreira que todos conhecemos, não sem voltar a trabalhar com Leone numa produção mais ambiciosa, **Il Buono, Il Brutto e il Cattivo**. A trilogia servia a Leone de promoção, e pode abalizar-se, em seguida, a uma obra mais pessoal, dentro do mesmo género, e com apoio internacional. **C’Era Una Volta... Il West** teve filmagens em Itália, Espanha e nos EUA, em paisagens bem conhecidas de *westerns* fidedignos, o Arizona e o Utah, com as gigantescas formações rochosas do Monument Valley servindo de paisagem, e um elenco de luxo, não só nos cabeças de cartaz, Henry Fonda, Claudia Cardinale, Jason Robards e Charles Bronson, mas inclusive nos secundários onde se encontram *character actors* como Jack Elam, Keenan Wynn, Woody Stroode e Lionel Stander, só entre os nomes americanos.

A provocação maior de Leone, depois de ter tirado o tapete ao “cinema americano por excelência” criando o *western-spaghetti*, foi a inversão a que procedeu com a imagem de Henry Fonda, esse símbolo dos valores americanos e de fé na democracia, em composições tão famosas como a de Lincoln em **Young Mr. Lincoln**, de John Ford, e do membro do júri de **Twelve Angry Men**, de Sidney Lumet. Não era a primeira vez que Fonda aparecia como “vilão”, mas a única em que isso acontecera (nesse mesmo ano de 1968 em **Firecreek**, de Vincent McEveety, em que se opunha a James Stewart) era, mesmo assim, um vilão “aceitável”, versão negativa dos heróis que interpretara (Wyatt Earp em **My Darling Clementine**). Leone inverte completamente a imagem idealizada (o seu personagem pratica actos de um sadismo atroz, como a tortura a que sujeita o jovem da harmónica de quem depende que o irmão viva ou morra, e assassina sem consciência nem remorsos, e um sorriso nos lábios, o garoto, filho de Brett McBain, na emboscada inicial), de tal modo que leva tempo a que nos habituemos, se alguma vez se consegue. Dessa dificuldade testemunha o facto de Fonda nunca mais ter voltado a interpretar papel semelhante, e o outro *western-spaghetti* que fez, **Il Mio Nome è Nessuno**, de Tonino Valerii (com argumento de Leone), lhe devolver o estatuto de herói mítico do Oeste. Se a imagem de Fonda é subvertida, a de Charles Bronson é o seu novo modelo do justiceiro solitário, tomando o lugar deixado vago por Clint Eastwood, com os mesmos rituais e gestualidade, inclusive o anonimato, pois também no seu caso nunca se sabe o seu nome, conhecido apenas pelo do instrumento musical com que se anuncia, uma harmónica pendurada ao pescoço, que o liga ao passado e embala o seu percurso para a vingança. Sendo o seu verdadeiro personagem, a sua contribuição original para o género (não pelo que ela simboliza, mas pela forma ritualizada como a apresenta), é ao personagem de Bronson que Leone dedica a sua mais famosa sequência, todo o início do filme, logo desde o genérico, até ao tiroteio, que em si condensa toda a “mística” do *western-spaghetti*, e em particular o de Leone: os grandes planos, que vão até aos pormenores pitorescos e picarescos (a gota de água no chapéu de Woody Stroode, a mosca na cara de Jack Elam) até à forma como se introduz o herói na narrativa, anunciado em *off* pelo tema musical da harmónica, os enquadramentos, com a distribuição cénica dos personagens, como se num palco estivessem, distribuídos simetricamente pelo ecrã largo, como no fabuloso duelo final de **Per Qualche Dollaro in Più**. O resto é a reinvenção de um espaço e de uma mitologia, utilizando todos os arquétipos do *western* americano: o capitalismo selvagem arrasando sem escrúpulos tudo à sua frente, na figura do magnate dos caminhos de ferro (Gabriele Ferzetti), mas reduzindo-o à impotência física e a uma agonia atroz, o bandoleiro romântico, numa saborosa criação de Jason Robards, e a mulher enérgica que toma nas suas mãos os sonhos e projectos do marido assassinado. Tudo junto numa estranha e grandiosa construção dramática, que faz de **C’Era Una Volta... Il West** um autêntico *western* e um dos últimos grandes filmes do género.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico.